

Céu, Sal, Sol

LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA

intransitiva
• revista

LUGARES QUE NOS HABITAM (V. 8, N.1, 2024)

Céu, Sal, Sol

Luiz Fernando de Oliveira

Personagens (na ordem em que *desaparecem*):

Orfélia

Homem da primeira fila da plateia, o Diretor

A voz que interrompe o drama, a do Autor

Monique

Dois homens vestidos de anjo

Orfeu

Prólogo

É O FIM

Uma sala com uma poltrona e uma pequena mesa com um porta-retratos em cima. Entra Orfeu.

ORFEU Ô, calor maldito... ¡bendito! Parece... – *(Olha a foto no porta-retratos, se entristece, senta-se na poltrona e respira profundamente).* – O quentume de lá era tão bonito... suor melava a pele e o mar lavava... e ardia. ¡Hoje dói tanto sua falta! Falta sua... Sua falta é do tamanho daquele mar esverdeado e sem onda. Quase sem onda, marola só. – *(Entra Orfélia, preocupada).*

ORFÉLIA ¡Tristeza! – *(Olha para o retrato e para Orfeu, alternadamente)* – ¿É ela, não é?

ORFEU É.

ORFÉLIA Pra mim, deu, Orfeu. Cansei. – *(Respira profundamente e sai de cena).*

ORFEU Vai, mas me perdoa, pelo amor de Deus, me perdoa. – *(Vira-se e olha para a plateia, como se se olhasse num espelho).* – Certo, parede rompida. Isso, isso mesmo. Vocês aí, todos vocês são eu. O contrário de mim, mas vocês são eu. Personagem eu sei que sou, mas o que garante a vocês... O que *me* garante... ¿Quem de nós existe? Talvez eu seja o personagem que habita vocês, ou vocês sejam o que eu sinto. Maceió, pode ser que eu seja Maceió, a pouca felicidade de tive. A nenhuma felicidade que deixei de ter.

Pega o porta-retratos e o olha com tristeza. Silêncio. Longo silêncio.

(Fim do Prólogo – A iluminação do palco ganha uma coloração azulada)

Cena 1:

CÉU

Um homem se levanta da primeira fila da plateia e grita...

¡Ou, ou, ou! ¡Menos! Essa sua atuação parece fajuta demais. ¡Você pode melhor, caramba! ¿Lembra dos ensaios?

É o Diretor da peça, intrometendo-se na performance feito um amigo, aquele amigo, o que sempre diz que saberia agir melhor nas situações se estivesse em nosso lugar, como se o “se” existisse.

ORFEU Beleza. – (Pigarreia). – Foi meu... *nosso* primeiro voo. Avião dá medo. Avião parece a vida, vira o estômago e entope o ouvido. Viver dá medo.

Uma mulher entra de repente, rosto pálido, aparência triste.

ORFEU ;Monique! Você veio. Pus sua foto ontem aqui. Foi o meu jeito de terminar com a Orféia. Ela viu sua foto, ela viu você na minha cara triste e entendeu tudo...

MONIQUE ;Para, por favor! Maceió importa mais. – *(Ri, embora com tristeza)* – A ida pra BH de ônibus, só velho na excursão e a gente lá, parecendo neto deles. O avião, a esteira com as malas dando aquela ansiedade danada, e outro ônibus e o hotel, bem melhor que aquele de São João del-Rei...

ORFEU Eu e você. Mal sabia a gente que nossa vida toda era ali, naquele lugar, a semana que viria naquele outubro quente feito o caldeirão do inferno. Promessa de amor não faltou, Monique.

MONIQUE ;Maceió é lindo! ;Lembra da Jositânia? ;Olha o nome da moça, que coisa! Um amor de pessoa. A pressa de ver o mar era tanta que a gente foi de noite ainda, mas de noite o mar é preto, nada de azul, só pretume e espuma, escuridão da morte...

ORFEU Que nem o céu, só que sem lua, sem estrela.

Silêncio. Os dois se olham com grande pesar e falam em uníssimo.

ORFEU E

MONIQUE É ruim ficar feliz...

ORFEU Eu fiquei em Maceió pra sempre. O que eu era de melhor ficou naquele céu. Isso aqui é só corpo hoje, pra sempre. ;Lembra do meu ataque de ciúme por causa daquele garoto marombado e de sunga inflada? Hoje consigo rir do meu patetismo, patetice, seu lá.

MONIQUE Eu nem tenho esse privilégio: nem corpo sou. Era, mas não sou mais. Fiquei naquele céu, que não é o *CÉU*.

(Fim da Cena 1 – Ruído de trovão – A iluminação azul fica mais intensa, permeada de amarelos)

Cena 2:

SAL

ORFEU Mineiro quando vai *em* praia pela primeira vez bebe água pra ver se é salgada. – (*Riem*).

MONIQUE Verdade.

ORFEU Mas o sal daquele mar é gostoso. Não conheço outros ainda, mas *aquele* sal tem o *seu* gosto, Monique. É bom, mas machuca... Nenhuma sal vai ter seu gosto mais, gosto da sua pele.

Uma voz troante como a possível voz de deus interrompe a cena.

¡Eu sofro mais que isso, atorzinho de nada! – (*Sou eu, Autor da peça, quebrando o teto e intrometendo-me na encenação*). – ¡Mais intensidade, sofrá! ¿Que diretor é esse também que não respeita a dor de quem escreve? Ainda bem que ele foi embora de vergonha.

Orfeu se dirige ao Autor.

ORFEU Já fui ao inferno e dei o meu melhor, hoje falo de mim, que se dane o seu texto. Eu me rebelo contra você, contra o Diretor e daqui pra frente falo o que *eu* senti em Maceió. ¡É, eu também já fui lá! Lá eu toquei minha lira pr'um Hades de pele brilhosa, mas ele não quis me dar o corpo de Monique. Ele chamava ela de Eurídice, eu chama ela de *Ela*, só, minha Ado de Sal, Edith de Tudo, hoje a Monique que aparece aqui. *Ela*, Ado, Edith, Monique, minha trindade impura que você não escreveu. Ela e Orfélia, “cacofônico”, rima barata, você deve pensar, mas uma e outra e duas – (*Conclui em tom de raiva*).

MONIQUE Deixa ele, Orfeu. Ele se foi, o Diretor se foi, agora a gente é livre. Livre pra falar daquele mar verde, das iguanas...

DIRETOR (*Ainda ali*): (*Interrompe-a com uma correção*) – Das iguanas...

MONIQUE ... das iguanas (*insiste, com uma raiva doce*), das comidas, do céu ciúme daquele menino lindo que você lembrou... você foi pateticamente

bonitinho (*gargalha*). A gente se amava sem saber que o amor é uma farsa, o amor de destrói. Olha lá (*aponta para a plateia*), as pessoas vão saindo, como cara de emburradas, amargas. Peça sem Diretor e sem Autor é vida que as pessoas não aguentam. Vamos falar da gente até a sala ficar vazia. Amo você, mesmo doendo dor sem solução.

ORFEU (*Quase desinteressado na fala de Monique*): Eu quero de novo aquele sal, o seu SAL.

Atriz e ator achegam-se a um canto, tomam água enquanto o teatro fica cada vez mais vazio até o silêncio se fazer presença. A água borra a maquiagem branca que empalidece a pele da atriz.

(Fim da Cena 2 – As luzes amarelam-se por completo, de uma amarelidão quente)

Cena 3:

SOL

Ambos retornam ao centro e se aproximam da ribalta.

ORFEU Estranho, todos estão aqui. Pensei que tivessem ido embora – (*Fala enquanto contempla o público – novamente? – em seus assentos*).

MONIQUE Eu também, meu amor – (*Ela se despe da única coisa que até então cobrira seu corpo, um vestido velho, sujo de terra, e fica ouvindo Orfeu com uma atenção cheia de afeito*).

ORFEU A gente erra tanto, Monique... Minha vida é uma sucessão de erros. Sou o sumário dos meus erros. ¿Tudo enquanto é dor que sinto vem dos meus erros, ou tudo é dor e só nessa vida? Nascer não foi bom pra mim... Antes minha mãe tivesse me abortado. É ruim demais a gente ser alegre de vez em quando, aí a vida vem e toma tudo. “É ruim ficar feliz”, disse você. Concordo. Se a vida fosse como o mar de Maceió, pode ser que a gente não sofresse tanto. A paz daquelas

ondas quase sem movimento deve levar tudo devagar, deve trazer tudo devagar...

MONIQUE Fica triste não, Orfeu. Vem me amar enquanto o tempo deixa.

ORFEU ... devagar. Eu lembro todo dia do seu riso, do humor que só você tem, dos nossos filmes, nossa maratona deles, dos comentários técnicos que só você entendia, saber refutar, concordar. Tenho ido a shows sem você, Monique, mas é como se eles nem estivessem acontecendo. Minha experiência musical é muito melhor com você. As idas e vindas ouvindo MPB no carro...

MONIQUE ... as raivas no trânsito... – *(ela ri e chora ao mesmo tempo, enquanto, nua se contorce no chão, feito serpente, encharcada por desejos diversos).*

ORFEU ¿E nossos livros? Ler me lembra você. Nunca mais vou ter alguém como você pra comentar sobre as belezas que eu li, nunca mais vou ouvir as suas... Sinto saudade da vida que éramos, você, eu, e uma Grécia por conhecer...

MONIQUE Nunca mais.

ORFEU Minha vida dourou os anos em que estivemos juntos. Você tinha 19 anos, e eu 27 no início do nosso namoro. ¡Oito que, deitado, disse Abujamra, é o infinito. Tudo é finito, e essa é droga!

MONIQUE A minha já foi vida.

ORFEU Vidas que foram vidas. Seu rosto parecia o sol... Eu não aguento mais ser eu sem ser você e sermos nós e os cachorros e a gata e o tédio... Casamento é igual a tédio, *é tédio*, morte, mas morte e tédio que eu preferia do que isso de hoje. Seu rosto parecia o SOL... SOL... SOL...

Eles se abraçam, enquanto uma fumaça retira Monique de cena.

(Fim da Cena 3 – Alternam-se luzes de cores diversas, ao som de Nick Drake)

Epílogo: É o início (Monólogo de Orfeu)

ORFEU

(Retira do bolso um papel amassado e começa a declamar) – Penso no absurdo e na agonia. Sinto em meu peito as saudades da vida que eu tinha enquanto sonhava ter outra. *¿Life is what happens to you While you're busy making other plans, concorda, John? ¿Mundo, estranho mundo! Deixei o pouco que existia de mim na Maceió, cidade quase-alegre. Eu me deixei nos espetáculos em que fui com Monique, me deixei nos seus ciúmes, nos passeios que sem ela não mais me importam – sei lá se eles existem. Eu mesmo, só existia com ela. Hoje sou o negativo de mim mesmo, a sua ausência converteu-se na minha. – (Tira os olhos do papel, irritado, e grita)* – ¡Ah, agora, canalhas, agora vocês choram! ¡Diretor de nada, autorzinho frustrado! Sou triste mas deixei de ser um títere nas mãos de vocês dois. A liberdade é a desculpa dos infelizes. ¡Cala a boca os dois! Chorar agora só prova que meu improviso é melhor que escritos e desmandos. Por falar nisso, vocês dois, sim, vocês dois, se esquecem que a vida é improviso. – *(Volta a ler o que está escrito no papel)* – Sem ti, ¡ó, Monique!, sem ti eu me implodi, volte-me a mim feito serpente a se devorar do guizo à boca. *¿Se uma serpente se devorar do guizo à boca, como a boca se comerá? ¿O que digerirá escamas, (se é que serpentes as têm), carnes, ossos e fluidos, se o estômago mesmo se auto-fagocitou? Nisso deve consistir o encontro com o Não-Ser, inexplicável e engraçado. A linha tênue que separa o Ser do seu oposto seria, nesse caso, a serpente a vomitar-se pela ausência de um aparelho digestivo que nada mais processa. – (Voltando-se ao público, deixa de ler o papel, senta-se ao chão e fala calmamente)* – Antes mesmo vocês tivessem indo embora. *¿Vocês foram embora ou eu só não os estava vendo por causa dos refletores apagados? Talvez a procissão que eu enxerguei, num ir-e-vir impertinente, fosse obra do meu cansaço. ¿Vieram? ¿Por que? ¡Quem quis assim que se dane! – (Retomando a leitura do papel)* – Monique, de alguma forma, você sempre estará comigo, nesse Nada que ora é, dentro de mim, nas lembranças do que fizemos e do que ainda estávamos por fazer. Lembrar do que se quis e não se teve é a maior das maldições. A infelicidade.

As luzes se apagam – somente um tênue faixó ilumina Orfeu, que reverencia a plateia.

Nessa peça o pano não cai, ele sobe, içado por dois homens pendurados no teto, vestidos de anjos. Enquanto sobem o pano a luz tênue se desfaz. Orfeu vai se perde aos poucos, some e some.

“A desapareção é bela”, deve ter sido seu último pensamento.

Teatro escuro.

Acendem-se as pequenas luzes vermelhas que indicam ao público o caminho até a saída.

Silêncio.

Não há aplausos.

Sobre o autor

Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), campus Nepomuceno, e da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Doutor em Educação Pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). É pesquisador, autor de textos acadêmicos e de um livro de crônicas, um de poesia e um de contos. Co-autor em antologias literárias.